

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS SOBRE O ESTUDO DE TRAJETÓRIAS OCUPACIONAIS DE JOVENS

METHODOLOGICAL CONSIDERATIONS ABOUT STUDY OF OCCUPATIONAL PATHS OF YOUNG

FERREIRA, Adelia Doraci De Oliveira¹
AUED, Bernardete Wrublevski²
VENDRAMIN, Célia Regina³

RESUMO

Este artigo tem por base pesquisa que estuda as trajetórias ocupacionais de jovens egressos do ensino fundamental e estabelece relações entre emprego, desemprego e escolarização. Prioriza a apresentação dos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa.

Palavras-chave: Trajetórias ocupacionais; Emprego e Desemprego; Pesquisa Qualitativa.

ABSTRACT

This paper is based on a research that studies the occupational path ways of young people that leave basic school and it establishes relationships among employment, unemployment and school level. It grants priority to the presentation of the methodological procedures adopted in this research.

Key words: Occupational Paths; Employment and Unemployment; Qualitative Research.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pedagoga, orientadora educacional da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis / Santa Catarina.

² Doutora (Pós-doutora) em Sociologia Política, Professora da Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Sociologia e Ciência Política, coordenadora do Núcleo de Estudos Sobre as Transformações no Mundo do Trabalho (TMT/UFSC), Florianópolis, SC.

³ Doutora (Pós-doutora) em Educação, Professora da Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Estudos Especializados em Educação, coordenadora do Núcleo de Estudos Sobre as Transformações no Mundo do Trabalho (TMT/UFSC), Florianópolis, SC.

INTRODUÇÃO

Analizamos as trajetórias ocupacionais de um grupo de egressos do ensino fundamental da Escola Básica José do Valle Pereira (EBJVP)⁴ durante o período 1991/2003, a partir das quais buscamos compreender as suas experiências de trabalho. Nelas enfatizamos o desemprego e a escolarização (mais especificamente, de jovens), segundo a perspectiva dos atores inseridos num campo de relações sociais historicamente construídas.

O ponto de partida deste estudo situa-se no âmbito da prática de uma das autoras deste artigo como orientadora educacional da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Ao longo dessa trajetória, muitas inquietações foram surgindo, e destas originaram-se as seguintes formulações:

Em relação aos egressos da escola - considerando que alguns trabalham enquanto estudam - quais, como e por que alguns buscam o emprego diretamente, enquanto outros alongam a escolaridade para buscá-lo depois? Qual a real situação do jovem no emprego? Por que, no momento atual, tantas produções acadêmicas refletem sobre a “educação para o desemprego?” Quais os fatores que interferem na busca pela inserção/manutenção do emprego e quais estratégias são utilizadas para atingir este objetivo?

A intenção de analisar estas questões, entre os egressos da Escola José do Valle Pereira justifica-se no fato de ser ela o local onde atuamos profissionalmente há aproximadamente vinte anos. Além disso, partimos do princípio de que, assim como toda singularidade, a realidade desta escola não se explica em si mesma, mas por sua inserção na totalidade social.

A escolha dos egressos do ensino fundamental deve-se ao fato de entendermos que muitos jovens, neste nível de ensino, encontram-se na condição de estudantes-trabalhadores. Além disso, e em decorrência de reprovações ou interrupções, ou inserção escolar após a idade-mínima obrigatória, muitos percursos escolares são acidentados, aumentando a distância entre a idade cronológica e a idade escolar. Em virtude disso, ao concluírem esta escolaridade, muitos jovens têm a idade-mínima-legal exigida para o ingresso no mercado de trabalho, ou seja, 16 anos⁵.

A delimitação do período 1991-2003, justifica-se pelo entendimento de que, em termos de trajetórias ocupacionais, é um recorte de tempo que provavelmente indicará alguns dados possíveis para análise, ou seja, é o tempo suficiente para que esses egressos tenham se encaminhado e concluído um curso superior e estejam procurando emprego ou se encontrem na condição de emprego/desemprego.

Além disso, essa escolha deve-se também ao fato de muitos estudos recentes indicarem a década de 1990 como “um divisor de águas nas trajetórias dos principais indicadores da situação do trabalho no Brasil” (DIEESE, 2001, p.11). Em

⁴ Escola pública de Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis localizada no Bairro João Paulo.

⁵ É importante reconhecer a presença de crianças e jovens adolescentes com idade inferior a 16 anos no mercado de trabalho. Neste sentido ver: DIEESE. A situação do trabalho no Brasil. São Paulo, 2001.

relação aos jovens, pode-se dizer que essa década foi marcadamente crítica no ponto de vista profissional (POCHMANN, 1998).

O trabalho envolveu pesquisa teórica e empírica. Do ponto de vista da clareza teórico-metodológica, algumas questões mereceram destaque, como por exemplo: Qual a concepção de trabalho que se toma por base ao discutir a crise do trabalho na atualidade? Como fica esta concepção no estágio atual do capitalismo contemporâneo, quando cresce o “mercado informal” e o desemprego? Nessa perspectiva, o que é o emprego?⁶ E a ocupação? O que representa o alongamento da escolarização nesse contexto? A persistência desses questionamentos levou-nos à revisão da literatura sobre as seguintes categorias: trabalho; emprego / desemprego e escolarização. Situamo-nos “na perspectiva que reafirma o materialismo histórico, no horizonte posto por Marx, como uma concepção ontológica e de realidade, método de análise e práxis” (FRIGOTTO, 1998, p.26).

Cabe salientar a dificuldade que encontramos ao buscarmos os dados relacionados ao emprego/desemprego ou ocupação. Buscamos auxílio até mesmo nos termos técnicos utilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Sistema Nacional de Empregos (SINE) e Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE), principais órgãos que divulgam pesquisas sobre emprego e desemprego no país e percebemos que as diferenças entre uma definição e outra são quase imperceptíveis na maioria das vezes. Além disso, constatamos, mais uma vez, quanto estas não dão conta de expressar a realidade.

Pochmann (1998, p. 75) também destaca as dificuldades encontradas nas definições conceituais e medições estatísticas de emprego e desemprego. O autor considera-as inadequadas para dar conta da situação atual e enfatiza que, além disso, “a identificação do que sejam emprego, desemprego e inatividade tornou-se atualmente muito mais complexa, em especial para o caso dos jovens” (p.75).

Chiesi e Martinelli (1997, p. 118), ao realizarem pesquisa sobre as condições juvenis no mundo do trabalho, na Itália, salientam que: “Desenha-se, basicamente, no país, um quadro em que a separação entre condição de emprego e condição inativa, entre ocupação e desemprego, não é mais delineada nitidamente como antes” (p.118).

Conforme Singer (1998, p. 24), “talvez melhor do que a palavra desemprego, precarização do trabalho descreve adequadamente o que está ocorrendo” (p.24). Neste sentido, o autor enfatiza que “é possível afirmar que o conjunto dos países ativamente envolvidos no processo de globalização, isto é, todos os membros da OCDE⁷ mais uma ou duas dúzias de países da Ásia e da América Latina estão, em graus variados, sendo submetidos ao mesmo processo” (1998, p. 29).

⁶ Percebe-se que em muitos momentos, nos mais diversos segmentos da sociedade, falta clareza sobre a diferença existente entre trabalho e emprego. Até mesmo na entrevista piloto realizada percebeu-se uma confusão muito grande sobre o tema. Uma entrevistada, quando questionada sobre a existência atual de empregos, responde: “(...) emprego tem, o que não tem é um trabalho digno!”.

⁷ OCDE é a organização de cooperação econômica que tem os países capitalistas mais desenvolvidos como membros.

Esta situação repercute no dimensionamento do desemprego. De acordo com a orientação de órgãos internacionais do trabalho, o ponto de partida da mensuração quantitativa deve ser a forma em que o sujeito se vê (AUED, 2002a). Contudo, contraditoriamente, este faz tudo para não se identificar como tal.

As dificuldades apontadas estão presentes na fala dos entrevistados que se referem a trabalho e emprego, ora como sinônimos, ora como o oposto do que realmente são; não conseguem, na maioria das vezes, definir o número de ocupações (ou o tempo de permanência nelas) exercidas durante suas trajetórias; enfim, seus depoimentos refletem o processo de precarização a que os autores se referem.

Todo este contexto nos leva a evidenciar que a possibilidade de compreender a construção de percursos sejam eles escolares ou ocupacionais, numa perspectiva de processo está atrelada à necessidade de ir além de indicadores numéricos ou resultados do tipo: aprovado, reprovado etc⁸.

Assim, consideramos que a percepção do desemprego na atualidade exige a adoção de metodologias que visem resgatar as dimensões sociológicas e as especificidades individuais dos trabalhadores, para que seja possível compreender suas condições sociais e as formas nas quais vivenciam o problema. Contudo, cabe destacar a dificuldade encontrada especialmente em relação ao referencial bibliográfico.

Por esta razão, este artigo apresenta considerações metodológicas contextualizadas, tendo como referência um estudo sobre trajetórias ocupacionais de jovens.

ENTRANDO NO CAMPO DA PESQUISA EMPÍRICA

Na pesquisa empírica, buscamos analisar a heterogeneidade do emprego, ou das trajetórias em busca deste, por meio de entrevistas⁹ (individuais e coletiva) com egressos do ensino fundamental da EBJVP e de contatos informais com suas famílias, parentes e amigos. Partimos do pressuposto que os alunos egressos do ensino fundamental da EBJVP, nos anos de 1991 e 1992, seguiram trajetórias educacionais e ocupacionais e supomos os desenhos das seguintes alternativas possíveis:

- Mantiveram-se no emprego, portanto estão no mercado de trabalho¹⁰ há mais de onze anos¹¹.
- Mudaram de emprego.
- Buscaram imediatamente o emprego após o ensino fundamental.
- Alongaram seus estudos para o ensino médio e superior.

⁸ Contudo, em nossa pesquisa, optamos por apresentar algumas tabelas no decorrer das análises, objetivando simplificar a identificação dos aspectos visíveis a que nos referimos ao definir trajetória.

⁹ As entrevistas foram semi-estruturadas (modalidade que supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador e que deve ser dirigida por este de acordo com seus objetivos).

¹⁰ Estar no mercado de trabalho aqui, não significa necessariamente estar empregado.

¹¹ É difícil definir em termos numéricos a quantidade de tempo, devido a vários fatores, entre eles: diferentes turmas sendo investigadas, existências de cursos com diferentes durações, além de interrupções entre um emprego e outro.

- Enfrentaram o problema do desemprego durante este período (1991-2003).

Nesse sentido, primeiramente buscamos dados desses alunos na secretaria da EBJVP para localizá-los, mas nos históricos escolares não há registro de endereço ou telefone¹². Nossa primeira constatação foi a de que deveríamos ser mais criativos, e isso fez com que nos sentíssemos verdadeiros “garimpeiros” em busca de “pedras preciosas”. Utilizando todas as formas de contato que conhecemos, seguimos pistas, localizamos parentes, identificamos filhos desses egressos que hoje são alunos da escola. Assim, uma rede foi sendo construída. Aliás, uma rede “tecida” no bairro Saco Grande (município de Florianópolis) de doze anos atrás, onde todos se conhecem, onde a maioria tem algum grau de parentesco.

Aos poucos localizamos 27 “pedras preciosas”¹³, o que exigiu a ampliação da área de “garimpo”, pois nem todos residem hoje tão próximos à escola.

Nossa intenção era entrevistar apenas aqueles que tivessem vivido ou estivessem vivendo o desemprego, mas a primeira entrevista realizada nos revelou a necessidade de ampliar esse universo, por dois motivos fundamentalmente: dificuldade na “identificação” do desemprego e necessidade de conhecer as estratégias adotadas por aqueles que consideravam não ter vivido o desemprego¹⁴.

Assim, por também entendermos que seria pertinente que o grupo contivesse egressos de ambos os sexos, optamos por considerar todos aqueles que conseguíssemos localizar.

Nosso reencontro com esses egressos - com alguns após doze anos - foram carregados de emoções e lembranças. Muitos sentimentos vieram à tona, saudade, curiosidade, felicidade, frustração. Ouvimos relatos de lembranças e saudades da escola, da turma, da época e de professores dessas turmas. Da entrevista coletiva que realizamos na escola, destacamos o seguinte depoimento:

“O Saco Grande da década de oitenta era uma comunidade muito pobre, era até bucólico, a gente pulava o muro para vir para a escola, na escola não tinha telefone, as pessoas da escola usavam o telefone da nossa casa! Mas hoje...” (Maria).

Os professores dessas turmas, ao serem questionados sobre seus alunos, também relataram fatos que permanecem vivos em suas memórias. Conforme salienta Halbwachs (1990): “O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos os números e figuras” (p.133). O lugar recebe a marca do grupo e vice-versa; e o tempo? Percebemos que enquanto

¹² Esses dados só existem nas fichas de matrícula e somente os alunos atuais possuem tal documento.

¹³ A delimitação do período 1991-2003 exigiu que selecionássemos para a pesquisa as turmas que concluíram o ensino fundamental na EBJVP em 1991 e em 1992, que totalizavam 40 alunos. Destacamos também que estabelecemos um limite de tempo para encontrar estes egressos a fim de garantir a viabilidade da pesquisa.

¹⁴ Destacamos que a “rotatividade” entre as ocupações é uma forte característica observada no grupo. Em alguns casos, no intervalo entre os nossos encontros com esses jovens, verificamos situações de mudança de ocupação (incluindo local de trabalho) e de demissão, o que nos exigiu um novo esforço para encontrá-los.

alguns enfatizaram: “quanto tempo se passou”, outros disseram: “parece que foi ontem”. Por que sentimentos tão distintos?

Halbwachs (1990, p. 90) ao abordar o tema “a memória coletiva e o tempo”, enfatiza que:

O tempo faz geralmente pesar sobre nós um forte constrangimento, seja porque consideremos muito longo um tempo curto, ainda quando nos impacientamos, ou nos aborrecemos, ou tínhamos pressa de ter acabado uma tarefa ingrata, de ter passado por alguma prova física ou moral; seja porque, ao contrário, nos pareça muito curto um período relativamente longo, quando nos sentimos apressados e pressionados, quer se trate de um trabalho, de um prazer, ou simplesmente da passagem da infância à velhice, do nascimento à morte. Gostaríamos que ora o tempo corresse mais rápido, ora que se arrastasse ou se imobilizasse. Se, entretanto, nós devemos nos resignar, é sem dúvida, em primeiro lugar, porque a sucessão do tempo, sua rapidez e seu ritmo, é apenas a ordem necessária segundo a qual se encadeiam os fenômenos da natureza material e do organismo. Mas é também e talvez sobretudo, porque as divisões do tempo, a duração das partes assim fixadas, resultam de convenções e costumes, e porque exprimem também a ordem, inelutável, segundo a qual se sucedem as diversas etapas da vida social.

Pensar nas etapas da vida social é pensar também em uma formatura, neste caso, no ensino fundamental. Que significado tem este acontecimento para cada um dos envolvidos? E para uma comunidade, especificamente esta, que comemora com missa, festa, roupas especiais, convidados e padrinhos? Seria uma formatura, apenas uma espécie de divisão entre o tempo de estudar e o tempo de trabalhar?

Fato é que todos os egressos do grupo que pesquisamos não se esqueceram do dia da sua formatura “na oitava série”.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS SOBRE O ESTUDO DE TRAJETÓRIAS

Compreendemos como trajetória “o processo de configuração de uma experiência social singular” (KOFES, 2001). Trajetórias de trabalho, então, são entendidas como “os itinerários visíveis, os cursos e orientações que as vidas dos indivíduos tomam no campo do trabalho, resultado de ações e práticas desenvolvidas pelas pessoas em situações específicas através do tempo”¹⁵ (GUZMAN, MAURO, ARAÚJO, 2000, p.12).

Cabe esclarecer que não temos como objetivo desenvolver uma análise acerca da questão do sujeito e os diferentes modos de conceber homem e mundo que a permeiam. Contudo, o que foi afirmado anteriormente evidencia nossa concepção dos homens em seu movimento histórico, como produto e produtor da história e, assim, entendemos que para analisar sua trajetória social, precisamos conhecer sua singularidade e compreender a especificidade de suas experiências.

Reconhecemos que muitos detalhes de suas experiências cotidianas, em vários momentos de suas vidas, continuarão desconhecidos, ora por não existir tal possibilidade, ora por não terem sido relatados, ou ainda por não virem ao encontro dos objetivos desta pesquisa.

¹⁵ Tradução nossa do espanhol.

“Assim, não foi possível escapar inteiramente de uma das regras da narração, ou seja, da seleção que os agentes fazem do que é ou não contado” (KOFES, 2001, p.14).

Ao buscarmos compreender o que é contado e apreender o que não é, consideramos que os sujeitos e as circunstâncias, assim como as distintas interpretações, são indissociáveis, são fatores que se combinam dialeticamente. Como enfatiza Aguiar (1999, p. 30), “não podem ser compreendidos senão como elementos interligados e interdependentes”.

Tal exercício permite buscar as situações e atitudes que oportunizam este ou aquele destino:

Afinal, se a vida humana (ou seja, o percurso existencial) não é exclusivamente uma sucessão caótica de acasos ou de fatos desconexos, ela tampouco pode ser entendida como a dramatização de um *script* previamente definido pelo desenvolvimento das forças produtivas. Entre o fortuito e as relações de produção, há um mundo ilimitado de ações individuais, das escolhas diante das opções, das reações e dos atos pessoais em face dos desafios e do sentimento pelas pessoas e pelas coisas. (AGUIAR, 1999, p.30).

Entre os estudos atuais sobre o mundo do trabalho que priorizam o procedimento de análise de trajetórias, citamos: Cardoso, Caruso e Castro (1997), Dubar (1998), Gomez (2002), Guzmán, Mauro e Araújo (2000), Invernizzi (2002), Paiva (1998), Hirata e Humphrey (1989).

Estes estudos, em seus distintos enfoques, indicam que recorrer às trajetórias ocupacionais dos sujeitos permite “repensar as mudanças ocorridas nas últimas décadas entre educação e mundo do trabalho e vencer o formalismo que tem dominado esta discussão” (PAIVA, 1998, p.16).

Dois textos, especialmente, nos inspiraram para a escolha da metodologia de pesquisa¹⁶. Um deles, a obra de Suely Kofes, “Uma trajetória, em narrativas”, na qual, partindo de uma intenção biográfica para chegar à proposta de etnografia de uma experiência, a autora explora várias narrativas, orais e escritas, a fim de situar a trajetória de Consuelo Caiado¹⁷.

O segundo, de Ronaldo Conde Aguiar, “O rebelde esquecido”, em que o autor explora momentos e aspectos do tempo, da vida e da obra de Manoel Bonfim¹⁸, numa “biografia sociológica”.

Em ambos os textos, são evidenciados os nexos entre o contexto social e a trajetória individual, ou seja, ao focalizar a singularidade de uma trajetória, várias relações vêm à tona.

¹⁶ Embora, entre a nossa pesquisa e esses textos, existam muitas diferenças.

¹⁷ Consuelo Caiado (natural de Goiás, 1899-1983). Na obra, a autora questiona sobre o esquecimento público de “um personagem que ocupou a cena pública”, partindo do pressuposto que esta indagação permite entender um “processo específico de um silêncio específico” e conclui que “pode ter sido pelo que ela não esqueceu é que ela foi esquecida”.

¹⁸ Médico sergipano que, conforme o autor, dedicou sua vida ao “projeto que julgava ser imprescindível ao nosso esforço de superação: a instrução básica, popular e plena”. Também considerado por Aguiar (1999), um pioneiro do pensamento social brasileiro, que “cá no subúrbio do mundo, foi esquecido” (p.47).

Sabemos, porém, que existem várias e diferentes perspectivas metodológicas e analíticas em relação a essas abordagens. Neste sentido, consideramos que:

- A metodologia de pesquisa utilizada nesta pesquisa, aproxima-se da **história de vida**. Contudo, desloca-se do que seria, rigorosamente, uma “história de vida”, pois “o trabalho com a memória que está na base da coleta das histórias de vida leva o pesquisador a uma situação de entrevista em que o depoente narra integralmente a sua vida” (MEKSENAS, 2002, p.126). A dinâmica do trabalho de memória, utilizada nesta metodologia, leva o pesquisador a lidar, na maioria dos casos, com pessoas idosas e torná-las seus informantes privilegiados e, para que se tornar viável, envolve um número restrito de informantes para que seja feito um inventário completo.
- A metodologia de pesquisa utilizada também se desloca do que seria rigorosamente o **depoimento** e que, segundo Meksenas (2002, p.130), propõe um corte de tempo e de espaço na narrativa de vida do sujeito investigado e “possibilita entrevistar um maior número de sujeitos sem tornar-se uma entrevista de caráter estatístico”. Contudo, o autor afirma ser possível sua associação a outras metodologias.

Considerando os deslocamentos necessários entre o que seria rigorosamente história de vida e depoimento, nossa opção foi trabalhar com uma associação entre as duas abordagens. Dessa forma, foi possível entrevistar¹⁹ todos os egressos que localizamos, buscando conhecer suas histórias de vida, porém, propondo um corte de tempo e de espaço nas narrativas dos sujeitos investigados, de acordo com os objetivos desta pesquisa.

AS CATEGORIAS DE ANÁLISE PRIVILEGIADAS NA ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS

A definição e a seleção das categorias de pesquisa são revistas, re-elaboradas e redefinidas no decorrer da investigação, na relação teoria/empíria (BRANDÃO, 2000). No procedimento de análise das trajetórias ocupacionais dos jovens egressos do ensino fundamental, privilegiaremos as seguintes categorias de análise:

- **Emprego e Desemprego**
- **Alongamento da Escolarização**

Neste artigo, apresentamos apenas o resumo das trajetórias ocupacionais que consideramos mais significativas em relação aos objetivos aqui propostos.

- **Alongamento da escolarização**

Consideramos alongamento da escolarização, nesta pesquisa, a permanência (ou a continuidade) no sistema escolar após a conclusão do ensino fundamental. Destacamos a presença do trabalho durante a escolarização dos sujeitos investigados e a relação entre trabalho, emprego/desemprego e longevidade escolar.

¹⁹ Estas foram cedidas pelos entrevistados aos autores, assim como também as fotografias.

As duas trajetórias que apresentamos, a seguir, expressam o alongamento da escolarização.

MARIA²⁰: ESCOLARIZAÇÃO ALONGADA E SONHOS

Após concluir a oitava série, Maria conclui o ensino médio e presta vestibular para a UFSC²¹ (com opção em Direito) e para a UDESC²² (com opção em Artes Plásticas). Reprova em ambos. No ano seguinte ingressa na UFSC após realizar vestibular para o curso de História. Pensando em trabalhar com educação de adultos, presta vestibular na UDESC para Pedagogia e é aprovada com ótima classificação: primeiro lugar no curso e sexto no geral. Começa a cursar Pedagogia, mas desiste. Em 2001 conclui a graduação em História, sendo bolsista do PIBIC²³ desde a segunda fase. Durante esse período pede retorno na Universidade para cursar Letras, começa e logo desiste. No mesmo ano, ingressa no curso de Mestrado em História na mesma Universidade e deve concluí-lo em breve. No Mestrado também recebe bolsa de estudos.

A inserção no emprego ocorre aos dezoito anos de idade quando trabalha numa locadora de vídeos, com carteira de trabalho assinada, durante um ano. Depois trabalha durante quatro meses na TELESC²⁴, no período em que está concluindo a graduação e deixando de receber a bolsa de estudos. Trabalha durante duas semanas como professora em uma faculdade particular. Envia o currículo para algumas faculdades e no momento aguarda uma possibilidade de contrato como professora. Também busca uma oportunidade para adquirir experiência com ensino fundamental.

Está desempregada e pessimista no momento atual: “estou muito pessimista com relação ao emprego, pois o mercado de trabalho está terrível”.

Na sua opinião, a inserção no emprego depende de sorte e indicação. Além disso, muitas vezes: “As coisas aparecem como troca de favor e daí cria-se uma dependência política para o resto da vida”.

É enfática ao afirmar que nunca faz planos: “A gente vai para onde sofre menos”. Enfatiza que em nenhum momento a carreira de professora lhe pareceu ser uma opção realizada. Além disso, pensa que não tem uma profissão porque o curso de História não tem esse objetivo. Pensa em fazer outro curso universitário, ou talvez o Doutorado (já recebeu proposta de orientação). Está indecisa.

PEDRO: ESCOLARIZAÇÃO ALONGADA E SEM EMPREGO

Na infância Pedro adora ler e escrever e tem apoio total e incondicional da família, que prioriza a escolarização dos filhos.

²⁰ Todos os nomes apresentados neste artigo são fictícios.

²¹ Universidade Federal de Santa Catarina.

²² Universidade do Estado de Santa Catarina.

²³ PIBIC é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, financiado pelo CNPq.

²⁴ Telecomunicações de Santa Catarina.

Após concluir o ensino médio, Pedro presta concurso vestibular para a UFSC, optando por Psicologia, com a intenção de reprovar para descansar e ler: “Era um curso muito concorrido, havia me preparado pouco, fiz só para ter experiência. Além de tudo, quero descansar um pouco de estudar”. Avalia que esse ano é maravilhoso, pois consegue fazer o que gosta, ler bastante. No próximo ano, é aprovado no vestibular para o curso de Letras na UFSC (sua primeira opção). Inicia o curso em 1997 e recebe bolsa do CNPQ durante três anos. Em 2001 conclui o curso de Letras e ingressa no curso de Mestrado em Literatura na mesma Universidade. No início de 2002, trabalha quatro meses como auxiliar administrativo de um hospital, enquanto aguarda o recebimento de bolsa do CNPQ.

Ao buscar o curso de Letras, o objetivo não é ser professor, sempre pensa só na Literatura. Quanto aos planos e perspectivas, diz: “Queria um emprego público, estabilidade, segurança e aproveitar o conhecimento para a satisfação de ambições pessoais. Consigo separar trabalho de prazer, queria conseguir articulá-los!”

Ao optar pela Literatura: “Não pensei na carreira, na profissão”. No momento acredita que: “Só pensei na minha satisfação pessoal e depois quebrei a cara por isso”. Diz que seus colegas de curso tinham uma certeza que ele ainda não tem. E afirma: “Eu não tenho uma profissão. Eu aprendi muitas coisas, mas para mim mesmo, não que eu possa usar para minha sobrevivência”.

Aos vinte e cinco anos de idade e prestes a concluir sua dissertação de mestrado, afirma ser pessimista com relação ao mundo e à juventude atual. Além disso, não acredita que possa mudar para melhor.

Aparentemente, existe um consenso de que até os 16 anos os sujeitos devam brincar e estudar. Esta afirmação deriva do reconhecimento de que, no Brasil, o trabalho de crianças e jovens menores de 16 anos é proibido por lei, é fiscalizado, denunciado por organizações não-governamentais, restringido por entidades empresariais e combatido por entidades sindicais. Entretanto, na realidade, isto não acontece.²⁵

De acordo com a lei, identificamos a idade (cronológica) dos sujeitos, como um fator importante na inserção ocupacional, configurando um elemento constituinte do “passaporte” para o mundo do trabalho.

Por outro lado, embora a escolaridade não assegure empregos nem renda, a certificação através de diplomas não perdeu seu valor (PAIVA, 1998). Num momento de abundância de força de trabalho no mercado, a escolaridade, cada vez mais, passa a ser considerada critério na seleção de candidatos a emprego.

Segundo Pochmann (1998), o diploma escolar transforma-se em uma espécie de “passaporte” a ser usado na trajetória ocupacional. Portanto, o diploma escolar também é elemento constituinte do “passaporte” a que nos referimos, pois socialmente e subjetivamente é assim que tem sido considerado.

²⁵ No Brasil, 3 a 4 milhões de crianças, algumas vezes antes de completarem 5 anos, trabalham (DIEESE, 2001).

Entretanto, os dados obtidos na pesquisa evidenciam que o aumento da escolaridade destes jovens, em relação à de seus pais, não foi acompanhado, na maioria das vezes, de mobilidade ocupacional ou social.

- **Emprego e Desemprego**

Definimos como **emprego**, o contrato de força de trabalho vivo, em que os contratantes são compradores e vendedores de algo. Nesta relação os agentes sociais envolvidos são: de um lado, o produtor, proprietário e vendedor da mercadoria força de trabalho; e, de outro, o seu comprador, proprietário dos meios de produção de capital. Emprego é o “o resultado de um contrato pelo qual o empregador compra a força de trabalho ou a capacidade de produzir do empregado” (SINGER, 1998, p.12). Assim, o **desemprego** é a situação involuntária de não-trabalho, por falta de oportunidade de trabalho, ou o exercício de trabalhos irregulares com desejo de mudança (DIEESE, 2001)²⁶. Destacamos que emprego não é o mesmo que **ocupação**, pois esta “compreende toda atividade que proporciona sustento a quem exerce” (SINGER, 1998, p.14). De acordo com a metodologia do DIEESE, são consideradas ocupadas, as pessoas que nos sete dias anteriores ao da pesquisa de emprego e desemprego, “possuem trabalho remunerado exercido regularmente, ou possuem trabalho remunerado exercido de forma irregular, mas não estão procurando outro trabalho; ou possuem trabalho não remunerado de ajuda em negócios de parentes, ou remunerado em espécie/benefício, sem procura de trabalho” (DIEESE, 2001, p.325).²⁷ Estas considerações nos permitem definir a **inserção ocupacional** como a “transição da inatividade para o mundo do trabalho” (POCHMANN, 1998, p.17). Desta forma, a inserção a que nos referimos é um processo pelo qual os sujeitos passam a dispor de uma posição no sistema ocupacional. Interessa-nos, neste sentido, perceber a compreensão dos sujeitos (jovens) diante do emprego/desemprego e conhecer os meios que foram utilizados para a sua inserção ocupacional.

Consideramos que as trajetórias apresentadas, a seguir, são as mais significativas, dentre as pesquisadas por nós, em relação ao emprego/desemprego.

JOANA: O DESEMPREGO É IMENSURÁVEL?

Aos treze anos Joana começa a trabalhar. Afirma que: “como precisei trabalhar desde muito cedo e por ter dificuldades em matemática, acabei tendo várias reprovações e me formando na oitava série quando já estava com dezenove anos”. Após concluir o ensino fundamental, pára de estudar.

²⁶ Pochmann (1998) adverte que “a definição tradicional de desemprego – que envolve as pessoas que se encontram na condição de não-trabalho (inferior a uma hora durante o período de referência da realização da pesquisa), com plena atividade e procura freqüente de trabalho – é por demais restritiva” (p.75), considerando a atual conjuntura. Mattoso (2001) enfatiza que “o desemprego, por sua complexidade e pela relação dinâmica com o emprego e a inatividade, não é um fenômeno de fácil medição (p. 12). Assim, levando em conta essas considerações dos autores e a realidade que encontramos em nossa pesquisa, optamos pelo conceito de desemprego adotado pelo DIEESE, pelos seguintes motivos, fundamentalmente: por estar de acordo com o referencial teórico da pesquisa, por considerarmos “ser a metodologia mais apropriada para a medição do desemprego brasileiro” (MATTOSO, 2001, p.13) e por estarmos utilizando seus levantamentos estatísticos (embora, não exclusivamente) durante as análises.

²⁷ Estas observações sustentam nossa opção em adotar a expressão “trajetórias ocupacionais”.

Recorda que em sua trajetória tem oito ocupações como doméstica e babá, uma como funcionária de uma olaria (atuando diretamente na confecção de tijolos), uma como balconista de uma sorveteria e uma como comerciante autônoma num açougue. E após refletir, afirma: “perdi a conta de quantas vezes fiquei desempregada!”.

Aos vinte e um anos de idade, tem sua carteira de trabalho assinada pela primeira vez, num emprego como doméstica, onde permaneceu por seis meses. Além desse emprego, teve carteira de trabalho assinada (por três meses) como funcionária da olaria. Nunca recebeu seguro desemprego.

Afirma que o desemprego involuntário foi uma situação constante em sua trajetória ocupacional: “não encontrava oportunidade ou salário compatível com o que me ofereciam, queriam pagar muito pouco para trabalhar muito. Perdi a conta de quantas vezes fiquei desempregada”.

PAULO: UM LÍDER NA BUSCA PELA SOBREVIVÊNCIA

Aos oito anos de idade, Paulo vende picolé no portão da escola e amendoim na hora do recreio. Na sexta série, desiste de estudar para trabalhar na pesca, quer ter dinheiro e independência. Seu pai garante-lhe uma “mesada” para que retorne aos estudos. A proposta é aceita, porém torna a abandonar a escola no ano seguinte. A solução que o pai encontra desta vez é uma “surra”!

Aos quinze anos, na sétima série, conhece na escola sua atual esposa, aluna da oitava série. A paixão pela colega serve como motivação para vencer na vida, o que inclui a formatura no ensino fundamental. Durante este período, trabalha como servente de pedreiro em obras. Aos dezoito anos, ingressa no Exército e, para cursar o ensino médio, matricula-se no Instituto Estadual de Educação (IEE). Sua namorada engravida: “Então eu falei com o pai, o pai cedeu um ranquinho que já tinha lá no fundo do terreno para dar uma ajeitada, para nós juntarmos nossas trouxinhas!”

Vão para o serviço militar e constrói uma carreira militar brilhante, com promoções, premiações e medalhas, o que representa a realização de seu sonho: “No exército eu fiquei quatro anos, oito meses, quinze dias e algumas horas”. Por uma questão administrativa que Paulo define como “sacanagem”, participa de uma trama que desencadeia o seu desligamento do exército, a partir do momento em que assina sua baixa (termo de desligamento do exército), sem perceber do que se trata. Recorre à Justiça (civil e militar) e aguarda o desenrolar do processo.

Nesse período, fica arrasado: “Pensei até em fazer uma besteira!” Com o apoio da esposa e da família, volta a trabalhar na construção civil. Por não agüentar mais o cansaço, em 1995, aceita o convite da esposa para trabalhar como vendedor ambulante para uma empresa multinacional, o salário (por comissão) também é melhor. Pela facilidade em comunicar-se, recebe várias promoções na empresa e aceita a proposta para montar um escritório no Rio Grande do Sul, sob forma de consignação. Em 2001, a empresa decreta falência e encerra todas as atividades. Este período é desesperador: “Meu Deus do céu, eu estava com um padrão de vida muito bom, eu estava tirando cinco mil reais por mês, dinheiro entrava que nem água! De repente tiraram... puxaram o tapete de baixo de mim. Eu disse: O que

vamos fazer da nossa vida mulher? Ela disse, calma, não te desespera, já começamos tantas vezes do zero, a gente começa de novo!”

Para pagar as dívidas do escritório vende tudo o que tem (carro, móveis, eletrodomésticos etc) e retorna para Florianópolis com a esposa e os dois filhos: “Voltei a morar na casa de meus pais, fiquei quase maluco!” Volta a trabalhar em obras, paralelamente trabalha numa fábrica de sapatos de propriedade de um cunhado, até que esta vem a falir. Faz curso de Vigilante patrocinado por sua mãe, o que facilita que um amigo o indique para um emprego. Pela primeira vez, tem carteira de trabalho assinada (há dois meses).

Na sua avaliação: “Sinto que sou um líder por natureza! Nunca fiquei estacionado! Vou ser chefe na empresa, podes ter certeza!”

MARIANA: GUERREIRA COMO SUA MÃE

Após a formatura na oitava série, Mariana ingressa na ETEFESC, onde cursa Edificações, realiza o estágio remunerado, porém não entrega o relatório final e não recebe o diploma de conclusão do curso. Nesta fase tem problemas com o chefe e é assediada. Em seguida, começa a trabalhar num escritório de desenhos arquitetônicos em tempo integral, durante o dia. No período noturno, trabalha na TELESC. Pede demissão do escritório, onde não tem carteira assinada e ingressa em um outro (ainda sem carteira) porém mais próximo ao local onde trabalha durante a noite e com salário melhor. Ali constrói “amizades e contatos quentes para a profissão”, diz. Consegue um outro emprego, com salário melhor, no mesmo ramo de atividade, porém, ainda sem carteira assinada. Também sai da TELESC porque termina o contrato. Permanece no novo emprego durante nove meses, porém o escritório está com problemas financeiros, e o salário começa a atrasar. Surge uma oportunidade de voltar para a TELESC. Por certo tempo, continua nos dois empregos, até que resolve ficar só na TELESC onde permanece de 1999 até 2002 e passa por vários setores. Em 2002, pede demissão da TELESC, mas antes de pedir trabalha em um escritório de engenharia, onde permanece durante um ano e meio (sem carteira de trabalho assinada). No momento está empregada no setor de *telemarketing* de uma empresa, que considera a sua experiência no ramo e assina sua carteira de trabalho. Segundo diz: “Não dá para ficar onde não podem assinar minha carteira, no caso, de desenhista”.

Durante todo este trajeto, presta vestibulares na UFSC e na UDESC, optando por Artes Cênicas, Artes Plásticas e Arquitetura, além de realizar exame para Designer de produto, no CEFET. Não consegue aprovação. Segundo afirma: “É muito presente na minha vida a falta de um diploma de curso universitário. Minha mãe voltou a estudar com 44 anos por esse motivo, hoje ela faz Biblioteconomia na UDESC e é bolsista! A hierarquia dos cargos tem a ver diretamente com a escolaridade. O estudo é uma peneira, quem tem universidade acaba tendo um salário melhor”.

Aos quatro anos de idade seu pai falece, e a mãe, sua grande amiga, sempre esteve muito presente. Tem muitos planos e sonhos. Pretende ir para o exterior, trabalhar com o que gosta, arquitetura e artes plásticas. Segundo diz: “Estou sempre lutando, não fico dependendo de seguro desemprego. Isso eu herdei da minha mãe que é uma guerreira!”

AS DIMENSÕES SUBJETIVAS DO DESEMPREGO: REFLEXÕES A PARTIR DA ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS

O procedimento metodológico adotado na pesquisa nos permitiu perceber as dimensões subjetivas do desemprego. Segundo Marx (19--.) “Se diferencia o que um homem pensa e diz de si mesmo do que ele realmente é e faz” (p.225). Essa afirmação se reveste de importância na análise a que nos propomos.

É fundamental observar a dimensão subjetiva presente nos depoimentos dos protagonistas destas trajetórias, considerando que a partir das condições sociais de existência (sejam elas reais ou imaginárias) é que se erguem os sentimentos, as ilusões, enfim, as distintas concepções e “escolhas” de vida.

Desta forma, é importante perceber que “mesmo as fantasmagorias existentes no cérebro humano são sublimações resultantes necessariamente do processo de sua vida material, que podemos constatar empiricamente e que repousa em bases materiais” (MARX, 1998, p.19).

Nessa linha de entendimento, segundo Kofes (2001)²⁸ seria “uma ilusão ignorar no trato biográfico a mediação de sua narração”, pois, o narrador, ou autor, é também personagem e, como tal, “projeta experiências, ações, acontecimentos e tece sua identidade. Ao tecer o enredo, constituiria um si mesmo” (p. 124).

Portanto, é necessário reconhecer nossa intervenção sobre os depoimentos coletados, pois não somos apenas os ouvintes dos depoimentos, também os descrevemos. Neste processo, assim como em toda a pesquisa, não há neutralidade.

Além disso, ao nos referirmos aos atores como inseridos num campo de relações sociais historicamente construídas, nossa intenção é evidenciar que “suas narrativas sobre o processo vivido não se esgotam, por princípio lógico, em tratamento meramente idiossincrático de cada destino” (GOMEZ, 2002, p.132), ou seja, seus depoimentos são representativos e relacionados ao contexto social compartilhado.

Em relação à dimensão cronológica, destacamos que os sujeitos, em seus depoimentos, procuram organizar e dar sentido às suas experiências, ou seja, os depoimentos “tendem ou pretendem organizar-se em seqüências ordenadas, segundo relações inteligíveis”, de maneira que tanto o entrevistador como o entrevistado “têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o *postulado do sentido da existência narrada*” (BOURDIEU, 1996, p.184).

O autor adverte que pressupor que a vida é organizada segundo uma ordem cronológica, tratando-a como um relato lógico de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma “ilusão retórica”.

Percebemos que, mesmo tentando buscar essa ordem cronológica em seus depoimentos, alguns dos entrevistados procuram dar maior ênfase às suas histórias,

²⁸ A autora reflete a partir das considerações de: RICOEUR, P. O Si mesmo como um outro. Campinas, Papyrus, p.188 (s/d).

recorrendo aos avanços e recuos no tempo (no sentido cronológico), pois os depoimentos sobre o passado são sempre elaborados com referência ao tempo presente.

Feitas estas considerações, cabe esclarecer que, quando possível, utilizamos a cronologia na apresentação das trajetórias como fio condutor necessário para nossas análises.

A trajetória apresentada a seguir expressa a subjetividade, o sofrimento.

JULIA: NO DESEMPREGO, O SOFRIMENTO

Aos vinte e seis anos, Júlia é solteira, gosta muito de estudar e mora com a família que apóia, participa e incentiva a escolarização dos filhos e decide que o trabalho só pode vir depois da conclusão da escolarização.

Após concluir o ensino médio, presta vestibular para a UFSC com opção pelo curso de Psicologia e reprova. Faz um curso preparatório para o vestibular no SESC, presta novo vestibular na UFSC, opta pelo curso de Pedagogia e consegue aprovação. Em 1996 começa o curso e em 1999, conclui.

Durante o período em que está concluindo o curso de Pedagogia, realiza estágio remunerado no SESC por um ano. Consegue a vaga por iniciativa de seu pai que trabalha naquele local. Depois começa a trabalhar com carteira de trabalho assinada num mini-mercado onde permanece por um ano. É demitida, fica desempregada e paga previdência social como autônoma, vende artesanato e faz digitação de textos. Presta exame para a ETEFESC²⁹, curso de Meio Ambiente, é aprovada e começa a cursar, porém não conclui porque seu pai adoece, precisa dos cuidados da família, e falece.

Estar trabalhando faz com que se sinta realizada, útil e valorizada pela família e pela sociedade. Não gosta de recordar, nem de falar sobre o período em que percebe que seria demitida do emprego no mini-mercado. Tem depressão e sofre muito: “A cobrança é enorme, até da família mesmo. Encontro obstáculos demais, mas não penso em desistir e não vou desistir. Quando estou desempregada, me sinto um carma, um peso!”

Atualmente, desempregada, sobrevive por morar com a mãe que tem ensino fundamental incompleto (quarta série), é lavadeira e passadeira (autônoma). Procura emprego diariamente, envia seu currículo para todos os lugares possíveis e aguarda uma possibilidade de contrato para trabalhar, mesmo que não seja como pedagoga.

Não tem ambições materiais, seu sonho de tornar-se psicóloga persiste. Pensa em retornar à universidade para se especializar em séries iniciais por acreditar na possibilidade da existência de oferta de emprego nesta área. Também deseja cursar Psicologia: “Meus sonhos estão se encaminhando, mas acho que com passos lentos!”, afirma.

²⁹ Escola Técnica Federal de Santa Catarina (atual CEFET/SC).

Na sua opinião, o principal obstáculo encontrado na busca por emprego é a exigência de experiência profissional e, embora entenda a atitude de seus pais, culpa-os pela exigência de concluir a escolarização antes de ingressar no emprego.

Percebemos que o depoimento de Júlia e outros do obtidos na pesquisa, muitas vezes contraditórios, evidenciam sentimentos de culpa internalizados decorrentes da “aceitação” de ocupações sem registro em carteira de trabalho ou de situações de desemprego. A culpa por não ter continuado os estudos e o sentimento de estar sendo cobrado por isso - principalmente quando o entrevistador é o orientador educacional da escola onde o entrevistado conclui a oitava série - também são percebidos.

Enfim, o emprego, o desemprego e a escolarização aparecem na sociedade e são evidenciados nas falas dos nossos entrevistados como “escolhas” subjetivas, pessoais. Dessa forma, desencadeiam a auto-culpabilização, além de levarem os sujeitos mais uma vez à condição de culpados, quando avaliados pela família ou pela sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a análise das trajetórias ocupacionais não só é uma ferramenta de grande valor para a compreensão das transformações do mundo do trabalho, como também é necessária quando se delimita certos recortes de tempo, como é o caso desta pesquisa, definida como qualitativa.

A análise de trajetórias possibilita investigar o *vir a ser*, ou seja, compreendendo que a trajetória é um processo, percebe-se que, dentro de um determinado trajeto existe a possibilidade de bifurcações. Por que o sujeito é impelido a seguir um ou outro trajeto? Precisamos também qualificar este trajeto e perceber como os fatos se apresentaram. Esta percepção, muitas vezes, só acontece durante as entrevistas, e nisso reside a importância delas, pois desse processo pode resultar uma tomada de consciência.

O procedimento metodológico adotado nesta pesquisa nos permite evidenciar que é no “grande palco do sofrimento” – o do trabalho – que as trajetórias ocupacionais dos jovens egressos do ensino fundamental da EBJVP (1991-2003) acontecem.

Evidenciamos também que é neste contexto que adotam suas “estratégias de defesa” em busca da sobrevivência (DEJOURS, 1999).

Os jovens que pesquisamos são “guerreiros” (Mariana), caminham para onde “sofrem menos” (Maria); embora, muitas vezes o façam com pessimismo. Têm sonhos e aspirações, mesmo que limitados por sua condição de classe, e demonstram ansiedade sobre um futuro do qual também os adultos nada sabem. Almejando serem “úteis para o mundo” (CASTEL, 1998), batalham por um emprego. Neste sentido, a inserção ocupacional acontece, na maioria das vezes, muito cedo e de forma precária.

Alguns jovens ingressam no mundo do trabalho sem o “passaporte” que, de acordo com nossa pesquisa, só poderia ser obtido com a idade mínima exigida legalmente e com um diploma escolar que comprovasse, no mínimo, a conclusão do ensino

fundamental. A adoção dessa estratégia, na maior parte dos casos, inviabiliza o alongamento da escolarização.

A situação de estudante-trabalhador foi observada na grande maioria das trajetórias analisadas. Em algumas, foi o que possibilitou o alongamento escolar paralelamente às estratégias familiares, às bolsas de estudo e aos estágios remunerados. No entanto, a escolarização não garante o emprego, embora seja critério de seleção na contratação.

O que caracteriza fundamentalmente as trajetórias ocupacionais destes jovens é a grande rotatividade entre as ocupações que, na maioria das vezes, acontecem sem registro em carteira de trabalho. Além disso, observamos a não-linearidade destas, ou seja, períodos de desemprego ou inatividade.

Verificamos que, na maioria das vezes, a inserção ocupacional acontece por meio de redes familiares e sociais. Além do que, existem critérios subjetivos na contratação: a “experiência ocupacional” e a “referência” aparecem como os mais percebidos pelos jovens.

Os dados obtidos na pesquisa evidenciam que o aumento da escolaridade destes jovens, em relação à de seus pais, não foi acompanhado, na maioria das vezes, de mobilidade ocupacional ou social.

Assim sendo, os jovens do grupo que pesquisamos, não fazem a história que querem, mas a que é possível. Contudo, consideramos que, se as intenções dos sujeitos não se realizam, isto não se deve a fatores meramente subjetivos, mas à própria estrutura da sociedade.

Contar alguns detalhes sobre essas histórias possíveis e organizar este artigo nos exigiu fazer escolhas, recortes, cortes, retomar autores e concluir, enfatizando que, como nos diz Zago (2000, p. 307-308):

Pesquisar é preciso. É um itinerário, um caminho que trilhamos e com o qual aprendemos muito, não por acaso, mas por não podermos deixar de colocar em xeque “nossas verdades” diante das descobertas reveladas, seja pela leitura de autores consagrados, seja pelos nossos informantes, que têm outras formas de marcar suas presenças no mundo. Eles também nos ensinam a olhar o outro, o diferente, com outras lentes e perspectivas. Por isso, não saímos de uma pesquisa do mesmo jeito que entramos porque, como pesquisadores, somos também atores sociais desse processo de elaboração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Ronaldo C. **O Rebelde Esquecido**: Tempo, vida e obra de Manoel Bonfim. ANPOCS: TOPBOOKS, 1999. 561p.
- AUED, Bernardete Wrublewski. **Considerações a respeito da categoria desemprego**. Texto apresentado para discussão realizada na disciplina: Desemprego e trajetórias profissionais. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Sociologia e Ciência Política. 2002 a. 21p.
- AUED, Bernardete Wrublevsk. **O Processo de desemprego**. In: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2002b, Florianópolis. 17p. Texto.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.183-192.

BRANDÃO, Zaia. Entre questionários e entrevistas. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs.) **Família e Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CARDOSO, A.; CARUSO, L.A.; CASTRO, N. Trajetórias ocupacionais, desemprego e empregabilidade: Há algo de novo na agenda dos estudos sociais do trabalho no Brasil? **Contemporaneidade e Educação**, Rio de Janeiro: IEC, n 1, p.7-23, mai. 1997.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Tradução: Iraci D. Poleti. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 611 p.

CHIESI, Antônio; MARTINELLI, Alberto. O trabalho como escolha e oportunidade. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5-6, p. 110-125, 1997.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999. 158p.

DIEESE. **A situação do trabalho no Brasil**. São Paulo: Diesse, 2001. 354p.

DUBAR, Claude. Trajetórias sociais e formas identificárias: Alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. **Educação & Sociedade**, Campinas, São Paulo, p.13-30, abr. 1998.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 230p.

GOMEZ, Maria Soledade Etcheverry de Arruda. **Empregabilidade nos tempos de reestruturação e flexibilização: trajetórias de trabalho e narrativas de ex-empregados do setor elétrico brasileiro**. 2002. 284f. Tese (Doutorado em Filosofia e Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GUZMAN, V; MAURO, A; ARAUJO, K. **Trayectorias laborales de mujeres**. Chile: Ediciones Centro de Estudios de la Mujer, 2000. 226p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice - Editora Revista dos Tribunais, 1990. 189 p

HIRATA, Helena; HUMPHREY, John. Trabalhadores desempregados: Trajetórias de operárias e operários industriais no Brasil. **RBCS – Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.4, n.11, p.71-84, out. 1989.

INVERNIZZI, Noela. Empregos precários no setor terciário: estudo de trajetórias ocupacionais de trabalhadores em risco de exclusão. **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p.35-45, jan./abr. 2002.

KOFES, Suely. **Uma Trajetória, Em Narrativas**. São Paulo: Mercado de Letras, 2001. 192p.

MARX, Karl. **Capítulo VI Inédito de O Capital**. São Paulo: Moraes, [19--]. 169 p.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Cartas. In: **Obras escolhidas**. São Paulo: Alfa-Omega, [19--]. v.3, 449p.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 119p.

MATTOSO, Jorge. **O Brasil desempregado: Como foram destruídos mais de três milhões de empregos nos anos 90**. 2 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001. 47p.

MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa social e ação pedagógica: conceitos, métodos e práticas**. São Paulo: Loyola, 2002. 166p

PAIVA, Vanilda. Educação e trabalho: notas sobre formas alternativas de inserção de setores qualificados. **Contemporaneidade e Educação**, Rio de Janeiro, p.8-21, n.4, dez/1998.

POCHMANN, Márcio. **A inserção ocupacional dos jovens**. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos do Trabalho - ABET, 1998. v.6. 104p.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego: Diagnóstico e alternativas**. São Paulo: Contexto, 1998. 139 p.

ZAGO, Nadir. Processos de escolarização nos meios populares – As contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs.) **Família e Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.